



## O ensino na pandemia representado em charges: dialogismo, sentido e valoração

### Teaching during the pandemic represented in cartoons: dialogism, meaning and valuation

Graziela Frainer KNOLL\*

Vera Lúcia PIRES\*\*

**RESUMO:** Os enunciados são um *continuum* no fluxo incessante da interação verbal; e a enunciação, como uma experiência social, dialógica e interativa, passa a ser o centro da interlocução. O objetivo deste artigo é analisar, dialogicamente, charges verbo-visuais que representam o ensino no contexto da pandemia. Foram analisadas três charges veiculadas na Internet, entre os anos de 2020 e 2021, selecionadas por acesso e conveniência com o tema. Segundo a teoria enunciativo-discursiva e dialógica de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, a palavra empregada é práxis de informação e comunicação, como também uma prática social de apreciação e valoração. O método de análise dialógica considera os enunciados a partir da situação de enunciação, neste caso, a pandemia e a instauração do ensino remoto. A análise mostra que a charge produz sentidos que indicam o ponto de vista crítico do enunciador, considerando alunos e professores, a quem a pandemia excluiu ou sobrecarregou, respectivamente, por meio das relações dialógicas e valorativas na linguagem verbo-visual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise dialógica. Verbo-visualidade. Pandemia. Charge. Discurso.

**ABSTRACT:** The utterances are a continuum in the incessant flow of verbal interaction; and enunciation, as a social, dialogical and interactive experience, becomes the center of interlocution. The purpose of this article is to analyze, dialogically, verbal-visual cartoons that represent teaching in the context of the pandemic. We analyzed three cartoons published on the Internet between the years 2020 and 2021, selected by access and convenience with the theme. According to the enunciative-discursive and dialogic theory of Mikhail Bakhtin and his Circle, the word used is praxis of information and communication, as well as a social practice of appreciation and valuation. The dialogic analysis method considers the utterances from the enunciation situation, in this case, the pandemic and the establishment of remote teaching. The analysis shows that the cartoon produces meanings that indicate the critical point of view of the enunciator, considering students and teachers to whom the pandemic excluded or overloaded, respectively, through dialogical and evaluative relationships in verbal-visual language.

**KEYWORDS:** Dialogical analysis. Verb-visibility. Pandemic. Cartoon. Discourse.

Artigo recebido em: 26.11.2023

Artigo aprovado em: 01.08.2024

---

\* Doutora em Letras, Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Adjunta da Universidade Franciscana (UFN). [grazi.fknoll@gmail.com](mailto:grazi.fknoll@gmail.com)

\*\* Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). [pires.veralu@gmail.com](mailto:pires.veralu@gmail.com)

## 1 Introdução

O início do ano letivo de 2020 trouxe um momento inusitado para a sociedade e a educação no Brasil: a partir do surgimento do vírus da Covid-19, enfrentou-se o desafio de restringir o convívio social, devido à necessidade de isolamento para evitar a propagação do vírus. Assim, houve interrupção das atividades educativas presenciais e os professores de todos os níveis de ensino foram chamados para organizar suas práticas pedagógicas, adequando-as às novas tecnologias de comunicação e modificando metodologias, a fim de garantir o processo ensino-aprendizagem.

A interrogação que nós fazíamos, naquele momento, era sobre o sentido de ser professor em tempos tão conturbados pela pandemia, além de se ter a possibilidade de construir ações criadoras, as quais modifiquem a realidade e levem à transformação social (Freire, 1989, p. 67). Atuar para transformar, segundo Freire (1989), exige autonomia e a capacidade de tomar iniciativas, fato que implica a superação de somente transmitir conhecimentos e de desenvolver nos estudantes uma compreensão crítica e emancipadora de seu contexto social.

Em sua obra sobre as práticas discursivas e as leituras plurais na pandemia, Pires e Knoll (2020, p. 19) afirmam que, “para uma democratização dos saberes institucionalizados, é necessário o acesso à informação mediatizada com mecanismos que provoquem a interpretação crítica e a compreensão responsiva”. Entretanto, estratégias eficientes são adequadas somente quando associadas a dispositivos comunicacionais e tecnológicos, organizados social e discursivamente na comunicação entre a comunidade educacional.

A semiótica da cultura motivou, nas ciências humanas, grande número de abordagens que consideram o poder constitutivo dos discursos e das práticas semióticas nas atividades que compõem a sociedade. Nessa perspectiva, os processos de construção cultural passam por práticas de significação e ressignificação, o que

abrange textos e discursos multimodais na mídia, ou seja, aqueles que integram diversas semioses.

O objeto de estudo deste trabalho são charges, fazendo-se um recorte por charges que têm como tema o ensino em tempos de pandemia. Conforme Brait (1996, p. 34), “a charge se expressa pela ironia, cuja prática humorística se esteia na crítica política. No humor caricatural habitam o riso e a violência. O riso está na ambiguidade propositalmente contraditória entre o que é dito e o sentido que se quer passar”. Desse modo, a charge é um gênero de tom humorístico, de verbo-visualidade e de traço caricaturesco. Segundo Bakhtin, (2010a), uma função discursiva e um contexto sociocomunicativo (específicos de cada campo), geram determinados gêneros. Assim, a charge é um gênero que satiriza um fato social, associando humor e crítica.

Considerando esses aspectos, as charges são uma forma de representação que utiliza imagens para transmitir uma mensagem humorística ou satírica, combinada ou não com texto verbal escrito, sobre temas relevantes na sociedade. Esse gênero de discurso pode ser encontrado em jornais, revistas e mídias sociais, e muitas vezes contém nuances e camadas de significado que podem ser perdidas pelo público em geral, pois requerem interpretação a partir de um contexto conhecido ou vivenciado. Para compreender melhor o significado dessas charges, é necessária uma análise discursiva cuidadosa, que pode desvendar os modos de representação utilizados na construção da mensagem.

Desse modo, entende-se que a leitura e a interpretação de uma charge dependem de conhecimento prévio e tornam-se um processo complexo quanto mais esse conhecimento seja necessário para a compreensão do texto. Knoll (2019), ao analisar charges por meio da teoria dialógica bakhtiniana, ressalta que o horizonte social compartilhado pelos participantes da interação, abrangendo todos os enunciados e discursos com os quais o enunciado dialoga, é essencial para a produção e a compreensão dos sentidos. Outro fator que torna a leitura mais complexa ou rica em possibilidades é a combinação da linguagem verbal escrita com outras

modalidades de linguagem, como imagens em uma charge, pois as múltiplas formas de significação cooperam e interagem com os aspectos socioculturais que complementam a leitura.

O objetivo deste artigo é analisar, dialogicamente, charges verbo-visuais que representam o ensino no contexto da pandemia, especialmente o ensino na educação básica. Para tanto, foram selecionados textos veiculados na Internet entre os anos de 2020 e 2021, escolhidos por acesso e conveniência com o tema. A perspectiva que apoia este texto é a teoria enunciativo-discursiva e dialógica de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, que reconhece a palavra empregada como práxis de informação e comunicação, como também e, principalmente, uma prática social de apreciação e valoração. Nessa perspectiva, o texto/enunciado é compreendido não só como produto material, mas também como um acontecimento vinculado à interação social.

## 2 Dialogismo e valoração

Dois importantes primados sustentam o pensamento do Círculo, a saber, o dialogismo e a axiologia. “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo” (Bakhtin, 2010a, p. 348), uma vez que, tudo o que nos diz respeito, vem da realidade exterior por meio de palavras dos outros. Concomitantemente, “Viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida” (Bakhtin, 2010b, p. 174). Sendo assim, os atos de linguagem são processos dialógicos de interação, ou seja, dialógicos por serem práticas discursivas realizadas pela interação entre interlocutores social e historicamente situados; práticas de interação axiológica por estabelecerem relações polêmicas e tensionadas de afirmação ou concordância ou de negação e rejeição entre seus ditos.

Princípio elementar das práticas languageiras, o dialogismo, repetimos, é um processo de interação entre sujeitos socialmente organizados, e o contexto de situação social complexa que os envolve. Tal situação estabelece as relações dialógicas entre as palavras que enunciamos. Só compreendemos enunciados, quando reagimos a suas

palavras, aquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas e/ou concernentes a nossa vida (Volóchinov, 2017, p. 181). Assim, o diálogo é visto no sentido de relações dialógicas, isto é, relações semânticas entre enunciados em contato, ou ainda, um encontro tenso, já que envolve valores axiológicos, entre complexos de significações.

O dialogismo, entretanto, não é o diálogo face a face. Para o Círculo, o dialogismo designa a grande metáfora conceitual da filosofia bakhtiniana: o simpósio universal que define o existir humano. Tudo aquilo que nos diz respeito vem do mundo exterior via palavras dos outros. “Eu vivo em um mundo de palavras dos outros.” (Bakhtin, 2010b, p. 379). E, ainda, “Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida [...] Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana” (Bakhtin, 2010b, p. 348). Podemos afirmar, nesse sentido, que não existe a consciência individual, mas consciência plural, já que ela é povoada por inúmeras vozes sociais. A relação com nosso mundo não é direta, porém, intermediada pela linguagem, que o refrata, no interior de horizontes sociais de valores.

No entanto, essa plurivocalidade que compõe nossa consciência não é estática, ou um mero depósito, mas está em constante movimento. Não podemos prever quais relações serão estabelecidas entre enunciados quaisquer, mesmo separados uns dos outros no espaço e no tempo, sem nada saber uns dos outros, previamente, a seus encontros. “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (Bakhtin, 2010b, p. 410). Ao produzirmos enunciados/textos/discursos não somos a fonte deles, porém intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes na sociedade, na cultura. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade sem fim de sentidos esquecidos/escondidos que voltam à memória, provocando nos enunciados a renovação dos sentidos em outros contextos.

Todo enunciado pode se deslocar de seu sentido e derivar para um outro. O Círculo de Bakhtin postulou a dialética do signo mutável, sua eterna possibilidade de

vir a ser. Não existe unicidade no sentido, há tantos sentidos possíveis, quanto contextos, e estes podem originar, inclusive, sentidos opostos, uma vez que se deve levar em consideração a **ressonância dialógica**, produzida pelos “enunciados já proferidos e todos os enunciados de outros sobre o mesmo assunto, retidos na memória.” (Pires, 2020, p. 180).

Tomo consciência de mim por meio dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para formação da primeira noção de mim mesmo. A palavra do outro deve transformar-se em minha – alheia (ou alheia – minha). “Expressar a si mesmo significa fazer de si objeto para o outro e para si mesmo” (Bakhtin, 2010b, p. 315). A procura da própria palavra é, de fato, procura da palavra precisamente não minha, mas de uma palavra maior que eu mesmo (Pires, id. ibid. p. 181).

Desde muito cedo, conforme Tezza (2003), Bakhtin refletiu sobre a **palavra viva**, bem como sobre a atitude valorativa do ser que a enuncia e seu **tom emocional volitivo**, ou seja, a valoração e atitude de vontade da consciência responsiva e responsabilmente ativa. O sentido só é possível, porque a natureza da linguagem é essencialmente social, havendo uma atitude valorativa em relação à palavra viva, que carrega um acento apreciativo anterior e alheio, ou seja, de opiniões e visões de mundo de outros, como se fosse uma memória de enunciados anteriores. Volóchinov (2017) assegurava que, por meio da palavra, o ser humano se define em relação ao outro, tanto quanto em relação à coletividade. “A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (Volóchinov, 2017, p. 205). Por isso, o mínimo da existência são duas vozes, impregnadas de centros de valor, e que respondem dinamicamente, em um permanente movimento dialético de tensão.

O Círculo foi sempre defensor do estudo dos discursos do cotidiano, pois neles comprova-se, mais facilmente, a representação de experiências contraditórias inerentes aos seres históricos e multifacetados. Portanto, entendemos que vivemos em um mundo de palavras alheias, cuja compreensão não é linear, porém refratada, e que somos eticamente responsáveis por nossas palavras e nossas ações. As ações que

praticamos, baseadas nas avaliações sociais, são atos comprometidos com o grupo social. O caráter compreensivo, responsivo e ético da existência humana apela às pessoas a assumirem responsabilidades. É neste sentido que o ser humano não tem escapatória: “não há alibi para a existência”.

A seguir, abordaremos o método de análise e situaremos os textos analisados no contexto da situação de ensino durante a pandemia.

### 3 Sobre o método de análise

A linguagem está em processo de evolução permanente, sendo determinada pela vida social. Os enunciados que compõem as práticas sociais são um *continuum* no fluxo da interação verbal, e essa não cessa, apenas desencadeia novos enunciados em resposta aos acontecimentos e discursos. Dessa forma, a enunciação é uma experiência social, dialógica e interativa que passa a ser o núcleo da realidade social. Conforme Bakhtin, a linguagem é uma prática social que abrange a interrelação entre sujeitos. A língua é a realidade material da linguagem, não como sistema ou estrutura, mas como um “processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação” (1988, p. 127).

Uma mesma língua, afirma Bakhtin (1988), é coabitada por “linguagens sociais” dinâmicas que se cruzam, atravessadas pelo social e pela história. São linguagens do “plurilinguismo” em que estão inscritos pontos de vista e valorações que a pessoa faz quando se comunica. Assim, cada locutor representa discursivamente a realidade conforme uma determinada relação de valor estabelecida com essa realidade.

Considerando essa ligação indissociável entre o enunciado e as condições de enunciação, os procedimentos metodológicos da análise dialógica, segundo Sobral e Giacomelli (2016), devem considerar que:

1. O enunciado (e não a frase) é a unidade de análise da ADD, porque os sujeitos falam usando enunciados;

2. Os enunciados são usados pelos sujeitos na interação, que é a base das relações dialógicas;

3. Na interação, usando enunciados, os locutores recorrem a signos, que, na ADD, são sempre ideológicos, no sentido de marcados por uma avaliação social;

4. Na interação, os locutores usam signos ideológicos em enunciados de acordo com os gêneros do discurso, definidos como formas relativamente estáveis de enunciados.

Esses aspectos estão esclarecidos, principalmente, em Volóchinov (2017), obra em que se encontra um método de análise que comporta o contexto extraverbal, composto por três aspectos: o horizonte espacial da enunciação; o conhecimento prévio da situação; e a avaliação da situação vivenciada, expressa no componente axiológico da linguagem. A situação de produção do enunciado é, portanto, indissociável para a questão semântica. Nesse sentido, a ordem metodológica abrange:

- 1) estudo dos tipos de interação verbal ou os arquivos de uma dada esfera social e suas situações de produção;
- 2) estudo dos enunciados e de seus respectivos gêneros nas interações sociais e ideológicas do cotidiano;
- 3) análise das formas linguísticas como é feita habitualmente (Volóchinov, 2017, p. 124).

Assim, a partir do exposto, fundamentalmente, seguiremos três procedimentos na análise, em ordem: descrever as charges, analisar os signos verbo-visuais como índices axiológicos expressos na linguagem e interpretar os efeitos de sentido em relação ao contexto de produção dos textos.

A coleta das charges foi feita durante a pandemia, a partir de veículos jornalísticos online, aproveitando a ampla disponibilidade de conteúdos digitais. Inicialmente, foram identificados e selecionados sites de jornais e plataformas de mídias sociais que publicavam charges e ilustrações satíricas sobre a pandemia. Em seguida, foi feita uma triagem dos materiais mais relevantes, optando-se pelo enfoque de charges que abordavam o ensino, especialmente a educação básica. Por fim, foram selecionadas três charges com esse tema.



#### 4 Análise dialógica das charges

Como sabido, naquele momento pandêmico, o ensino remoto substituiu as aulas presenciais, fazendo com que os professores “dos mais diversos níveis de ensino, fossem convocados a rever suas práticas pedagógicas em um curto espaço de tempo, adequando-se a novas tecnologias no intuito de assegurar o processo de ensino-aprendizagem” (Benchimol; Chagas, 2020, p. 45). Como consequência de todo esse contexto,

os professores seguem, por meios distintos dos usuais, desenvolvendo atividades que possibilitem a continuidade do ensino-aprendizagem e que propiciem a sociabilização entre os alunos. Diante da necessidade de priorizar o uso de metodologias ativas de aprendizagem, as quais prezem pelo protagonismo do aluno e motivem seu envolvimento no processo, cada vez mais, o professor passa a ser um mediador do conhecimento (Benchimol; Chagas, 2020, p. 34).

Elegemos como material de nossas análises textos ligados à esfera midiática e ao gênero discursivo charge. São discursos da vida cotidiana, caracterizados por um encontro estreito entre as palavras minhas e as de outros, dentro de uma situação vivenciada e extraverbal, “em nível de igualdade entre os sujeitos, o que os torna um campo privilegiado para o estudo da relação entre os parceiros discursivos, de sua relação com o próprio mundo e da constituição de suas heterodiscursividades.” (Pires, 2020, p. 181).

A primeira charge (Figura 1) traz um diálogo entre mãe e filho, representados em uma favela de casas de madeira com tábuas e janelas assimétricas, o cano de esgoto despejando esgoto da casa para a rua, as chaminés emitindo fumaça escura, a mãe perfilada, com parte do corpo escondida pelo barraco, e o filho de costas, representado no canto inferior direito, com a mão ao alto, buscando o sinal de wi-fi para a aula online. O menino está em cima de um pequeno morro, tendo abaixo, de um lado, os cadernos ao chão, de outro um cachorro magro observando a cena. No diálogo verbal, a mãe questiona “E a aula, meu filho?!”, e o menino responde “Nem sinal!”.

Figura 1 – Sem sinal.



Fonte: GZH .

O ambiente geral da cena é de abandono e miséria, e a invisibilidade social dos participantes da cena é representada pelo fato de não terem rosto ou corpo completamente visíveis na imagem. Os cadernos largados no chão reafirmam a situação de abandono em relação ao ensino. O menino está aborrecido, o que visualmente é indicado pelos traços em forma de redemoinho acima de sua cabeça, enquanto o olhar da mãe indica alguém cansado ou sem esperança, marcado pela pálpebra caída. O diálogo, nessa charge, utiliza o duplo sentido da palavra “sinal”, que, no plano denotativo, pode significar sinal de wi-fi e, ao mesmo tempo, no sentido figurado da expressão “Nem sinal!”, ganha o sentido de “sem qualquer manifestação”. A segunda charge (Figura 2) também traz um diálogo entre mãe e filho: “Mãe, o que é essa tal de educação a distância?”, e a resposta “Ora, menino, é como tá no nome...uma educação bem distante da nossa realidade”. A imagem mostra uma representação de favela, com as casas de madeira assimétricas, empilhadas uma em cima da outra, rodeadas de pequenos riscos que representam poeira e a silhueta da cidade ao fundo, de forma distante, acinzentada. A cena toda está em tons de cinza, preto e marrom. Os personagens não estão visíveis na cena, somente suas falas, indicadas por traços

característicos de quadrinhos. A base da favela não é visível, encontra-se escurecida na cena, formando uma torre que se equilibra com dificuldade na imagem.

Figura 2 – Educação a distância.



Fonte: Instagram @rabiscosdobrum.

Visualmente, a imagem está posicionada principalmente à esquerda, onde estão as casas, e possui menos elementos à direita, onde está situado o diálogo. A fala reflexiva da mãe é sinalizada, também, por reticências, “[...] é como tá no nome... uma educação bem distante da nossa realidade”. A escolha da pontuação não é desmotivada, pois a mãe é quem faz a crítica nessa charge, ou seja, é dela que vem a consciência social da desigualdade perante a educação mediada por tecnologias. No diálogo, a fala do menino expressa o desconhecimento em relação à educação a distância, marcado pelo adjunto “essa tal de” e pela interrogação. Destacamos, também, na resposta da mãe, o adjunto adnominal “bem distante”, que caracteriza e avalia a educação naquele contexto vivenciado pelos personagens.

A terceira charge (Figura 3) contém dois quadros, um superior, em que lemos o currículo da professora “antes da quarentena”, e um inferior, sinalizado com “depois

da quarentena”. Na imagem, no primeiro quadro, um passarinho amarelo digita no computador “Professora”.

Figura 3 – Professora.



Fonte: Instagram @escoladepassarinhos.

Já no segundo quadro, o mesmo pássaro digita “Professora, influenciadora digital, youtuber, cinegrafista, diretora de arte, cenógrafa, designer, especialista em novas tecnologias da educação a distância, plantonista de WhatsApp, tutora, conselheira emocional...”. Na imagem, o pássaro do segundo quadro, apesar de ser o mesmo do quadro superior, está em tamanho reduzido, para que caiba a longa descrição das atividades da professora após a quarentena. Há, também, traços que sinalizam o movimento das asas do pássaro ao digitar, que estão em maior número no segundo quadro, simbolizando que suas atividades são mais intensas ou em maior quantidade.

A descrição das várias atividades da professora no currículo está expressa no segundo quadro e chega a sobrecarregar visualmente a imagem: o texto digitado pelo pássaro no currículo ocupa grande parte da peça, assim como a professora se vê

sobrecarregada de atividades na pandemia. A descrição longa do currículo, em que as funções se multiplicam para a professora na pandemia, é demarcada pela enumeração, mediante vírgulas, além das reticências no enunciado, enfatizando que os papéis dessa professora continuam, não cessam. A pontuação, novamente nesta charge, funciona como índice axiológico na linguagem.

Segundo a perspectiva dialógica, a experiência cotidiana encontra-se expressa e representada nos mais variados gêneros, e o vínculo entre o enunciado e a realidade social é o que estabelece as possibilidades de leitura e compreensão a partir da materialidade dos textos. As charges selecionadas se apoiam no conhecimento prévio do sujeito leitor para serem compreendidas, ou seja, o conhecimento ligado à vivência de situações de ensino na pandemia. Assim, o diálogo que se estabelece com o leitor é dependente das relações semânticas entre textos e contexto.

Porém, não há somente concordância de posicionamento nas charges, há também polêmicas: “Ora predomina uma voz, ora a outra, mas nenhuma pode vencer definitivamente a outra. Os acentos de cada voz se intensificam ou são interrompidos pelas vozes reais de outras pessoas” (Bakhtin, 2005, p. 262). Na charge 01, há um título no quadrinho “Ensino a distância...”, grifado pelo contraste entre a letra branca e o fundo preto, que polemiza com a fala do menino: “Nem sinal!”. Nessa charge, a pontuação funciona como índice axiológico também, enfatizando a interrogação da mãe, “E a aula, meu filho?!”, com o uso de duas exclamações após a interrogação; enfatizando a exclamação do menino, “Nem sinal!”, além das reticências no título “Ensino a distância...”, dando a entender que há algo mais a dizer, ou que o sentido se complementa com o diálogo que está por vir entre o menino e a mãe.

As duas primeiras charges utilizam como efeito de sentido a plurivocalidade das expressões “ensino a distância” e “educação a distância”. Assim, é explorado o sentido de que o ensino ou a educação estão distantes, inacessíveis àquela camada da população mais humilde, que não reside em boas casas ou, dito de outra forma, reside onde o horizonte da cidade é invisível ou indefinido. Se ensino a distância, como

modalidade possível de ensino, é sinônimo de tecnologias digitais, que encurtam as distâncias geográficas e viabilizam a formação de milhares de pessoas em vários níveis de ensino, no contexto da pandemia e para os personagens representados nas duas charges, ensino a distância é sinônimo de exclusão social. As pessoas naquele ambiente retratado não têm acesso a tecnologias digitais e, dessa forma, encontram-se excluídas da escola.

Notamos, também, que a configuração de família representada em ambos os textos não é aleatória, é igualmente pensada para sinalizar a situação de negligência de grande parte das crianças, que cresce sendo criada basicamente pela mãe, sendo no primeiro caso, uma mãe que ainda tem alguma expectativa em relação ao ensino a distância para o filho, e, no segundo caso, uma mãe que tem certeza de que não haverá acesso à educação, fato sinalizado por “Ora, menino [...]”, interjeição que indica que, para aquela pergunta, a resposta já é sabida e é negativa, não haverá educação a distância para a realidade do seu filho.

Dessa forma, a crítica social que caracteriza o gênero charge está presente nos textos, especialmente nos índices axiológicos, que incluem palavras e pontuação nos enunciados, e o sentimento de exclusão é complementado pelas imagens e a maneira como significam aquela realidade. As palavras, conforme Volóchinov (2017), não só representam o mundo, mas constroem sentidos valorativos, saindo do dicionário para o contexto de vida de alguém, tornando-se, assim, verdades ou mentiras, avaliações críticas de alguém com determinado propósito. E destacamos, dentre os índices valorativos, o uso reiterado da expressão “a distância”, para caracterizar o ensino ou a educação, como algo distante e, portanto, de difícil acesso. Nesse aspecto, o sentido com que foi utilizada nas duas primeiras charges não só difere, mas polemiza diretamente com o sentido de educação a distância nos termos da origem dessa modalidade, em que a chamada EAD se sustenta exatamente por ser acessível às pessoas que têm alguma dificuldade de entrar ou permanecer no ensino presencial.

O terceiro exemplo, a charge da professora, diferencia-se dos anteriores por representar a situação vivida por outro sujeito que foi transformado pela pandemia: as professoras no contexto do ensino a distância. Se o ensino mediado pelas tecnologias digitais esteve fora do alcance da camada da população que vive à margem da sociedade e das cidades, a professora, mesmo com acesso às tecnologias, não teve um destino muito mais feliz, pois utilizar as tecnologias trouxe uma nova multiplicidade de papéis acumulados pelo docente. Não à toa, a professora da “Escola de passarinhos”, também está em uma situação de perigo ou incerteza, pois está atualizando seu currículo em um contexto de pandemia, em que várias escolas estavam em redução de custos, devido à crise econômica, o que pode ser interpretado como possibilidade de demissão. E, considerando a multiplicidade de papéis sobrepostos ao docente naquela situação, as tecnologias podem ser tão opressoras quanto a falta delas. O desespero por manter os alunos em aula e, também, o emprego, está sinalizado, principalmente, nas funções: “plantonista de WhatsApp”, por exemplo, que indica o trabalho contínuo e sem horário de descanso ou fora dos horários habituais da sala de aula em que muitos se encontraram, na tentativa de não deixar o aluno sem assistência. E, ainda, devido ao acúmulo de compromissos virtuais e reuniões impostos pela escola. Já a palavra “tutora”, função de mediação e acompanhamento que, pela legislação da EAD brasileira, teria que ser desempenhada por outro agente de ensino; “conselheira emocional...”, função que demarca o quanto a professora teve que ser o aporte de desabafos e agruras dos alunos naquele contexto atípico, sem que tivesse, ela própria, um suporte emocional.

Para compreender as charges, que são compostas por duas linguagens complementares, a palavra e a imagem, é necessário articular o sentido produzido pelos dois códigos, já que o enunciado se configura como um todo. Assim, é preciso interpretar as sutilezas das duas linguagens para captar o sentido do enunciado, sem tomar a imagem somente como uma forma de ilustrar o texto, como o senso comum a considera muitas vezes, mas de gerar significados próprios. Muitas vezes, o que a

linguagem verbal sugere, a linguagem visual coloca em evidência, como acontece nas charges analisadas, em que parte da crítica social e do humor estão presentes, sobretudo, naquilo que não está dito, mas nas imagens que evidenciam processos de exclusão, miséria, falta de acesso às tecnologias ou sobrecarga de funções. E essa relação dialógica entre texto verbal e imagem é sempre impregnada de índices axiológicos, uma vez que o propósito do gênero discursivo é comentar e se posicionar sobre fatos da vida cotidiana, satirizando situações socialmente relevantes.

## 5 Considerações finais

A análise dialógica, de forma geral, tem como ponto inicial a perspectiva de que a linguagem é histórica, social, intersubjetiva e ideológica, pois carrega em si interpretações de mundo. Mas a linguagem (e o discurso) não é unívoca, pelo contrário, o signo é plurivalente, ganhando e perdendo sentidos com base nas situações de produção que engendram o enunciado. O enunciado, situado em um continuum de comunicação, necessita do já dito e dos enunciados anteriores e concomitantes a ele para ser compreendido.

Na concepção bakhtiniana, o enunciado é como um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Da mesma forma, as charges materializam opiniões e avaliações que fazemos na e pela linguagem e, assim, representam os enfrentamentos, dilemas e dificuldades vividos por sujeitos na pandemia, especificamente, por alunos e familiares de alunos em situação de risco e, também, pelos professores.

A partir do objetivo proposto e dos resultados encontrados, as charges representam o ensino na pandemia como algo excludente e limitado, um aspecto enfatizado principalmente pela falta de acesso dos estudantes à educação básica mediada por tecnologias digitais, pois se não há inclusão tecnológica e social, não há acesso de fato às aulas. A crítica social está em, diante da pobreza urbana e das condições de vida que não comportam o básico, como a moradia e as condições de saneamento, esperar que os alunos nessas condições tenham acesso a tecnologias



digitais para dar continuidade ao ensino. A condição dos professores na pandemia também ficou subjugada pelo amplo (e crescente) número de tarefas e papéis que se acumulavam, mesmo que os professores não tivessem a fluência tecnológica e pedagógica necessária para isso naquele momento e estivessem, eles próprios, enfrentando a pandemia.

A partir dos resultados da análise das charges, pode-se afirmar que o contexto pandêmico adaptou e inseriu diversos docentes na educação mediada por tecnologias, ao mesmo tempo em que excluiu milhares de estudantes que não tinham condições estruturais de entrar no ensino remoto. As proporções e os impactos desse processo de inclusão e exclusão são inúmeros, e reforçam as desigualdades sociais, se considerarmos as diferenças de acesso entre a rede pública e a rede privada de ensino.

Por fim, as imagens são narrativas que materializam um ponto de vista sobre o ensino na pandemia, assim como sentidos dialógicos plurivalentes, presentes na memória interdiscursiva. A análise evidencia a valoração contida na linguagem e as relações dialógicas, que somente podem ser entendidas como relações semânticas recuperadas, por uma leitura do contexto.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENCHIMOL, A. P. F.; CHAGAS, N. E. Um novo desafio para os professores de Ensino Fundamental: como trabalhar gêneros textuais diante da realidade do Ensino

Remoto? *In*: PIRES, V. L.; KNOLL, G. F. **Linguagens e(m) práticas discursivas: leituras plurais em tempos de pandemia**. São Carlos: Pedro & João editores, 2020. p. 33-48.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

KNOLL, G. F. Dialogismo e verbo-visualidade sobre o questionamento da arte no Brasil. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 13, n. 3, p. 927–945, 2019. DOI <https://doi.org/10.14393/DL39-v13n3a2019-5>

PIRES, Vera Lúcia; KNOLL, Graziela Frainer. **Linguagens e(m) práticas discursivas: leituras plurais em tempos de pandemia**. São Carlos, Pedro & João editores, 2020.

PIRES, V. L. Identidade Cultural: a construção discursiva de desigualdades e diferenças. *In*: PIRES, V. L.; KNOLL, G. F. **Linguagens e(m) práticas discursivas: leituras plurais em tempos de pandemia**. São Carlos: Pedro & João editores, 2020. p. 175-195.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076–1094, 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-15>

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. 34. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.